



MALÁRIA NO INFERNO VERDE: SAÚDE NA AMAZÔNIA DA ERA DO DESENVOLVIMENTO (1952-1966)

Rômulo de Paula Andrade *

** Doutor em História das Ciências pelo Programa de Pós Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Pesquisador do Departamento de Pesquisa em História das Ciências e da Saúde – Casa de Oswaldo Cruz.*

Resumo

Chamada por Oswaldo Cruz de “o duende da Amazônia”, a malária foi alvo de diversas ações por parte de agências nacionais e internacionais no curso do século XX. A partir da década de 1950, um novo método de combate à doença ganhou vulto internacional: o sal medicamentoso do malariologista Mario Pinotti. O chamado “Sal Pinotti” foi um dos recursos utilizados pela Organização Mundial de Saúde para a Campanha de Erradicação da Malária, a partir de 1958. Entretanto, o sal medicamentoso tinha sido testado na região amazônica desde 1952, tornando-se um dos pilares das ações de saúde pública da agência responsável pelo desenvolvimento da região: a Superintendência de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA). O presente trabalho aborda as primeiras pesquisas sobre o uso do Método Pinotti na região amazônica a partir de duas tipologias documentais: os artigos e relatórios escritos pela equipe do Serviço Nacional de Malárias entre 1952 e 1961 e o filme *Malária no Inferno Verde*, produzido pela *Jean Manzon Films* em 1954. Ciência, saúde e desenvolvimento se articularam sob um contexto de “otimismo sanitário”, associando a sonhada erradicação da malária à superação do subdesenvolvimento local. Feito sob encomenda, o cinejornal traz, para além da questão sanitária, visões sobre a natureza e a população da Amazônia. Mais que uma ferramenta de combate à malária, o uso do sal cloroquinado colaboraria no processo de integração da região ao Brasil, bem como a superação de estigmas históricos, como o “vazio demográfico” e o da “natureza hostil”, representado na alcunha de *Inferno Verde*.